

# O MUNDO

Fundador - Antunio Francisco Borges

Junqueiro entrou na imortalidade da história. Os seus restos são hoje uma reliquia sagrada da Patria. O seu lugar é nos Jeronimos.

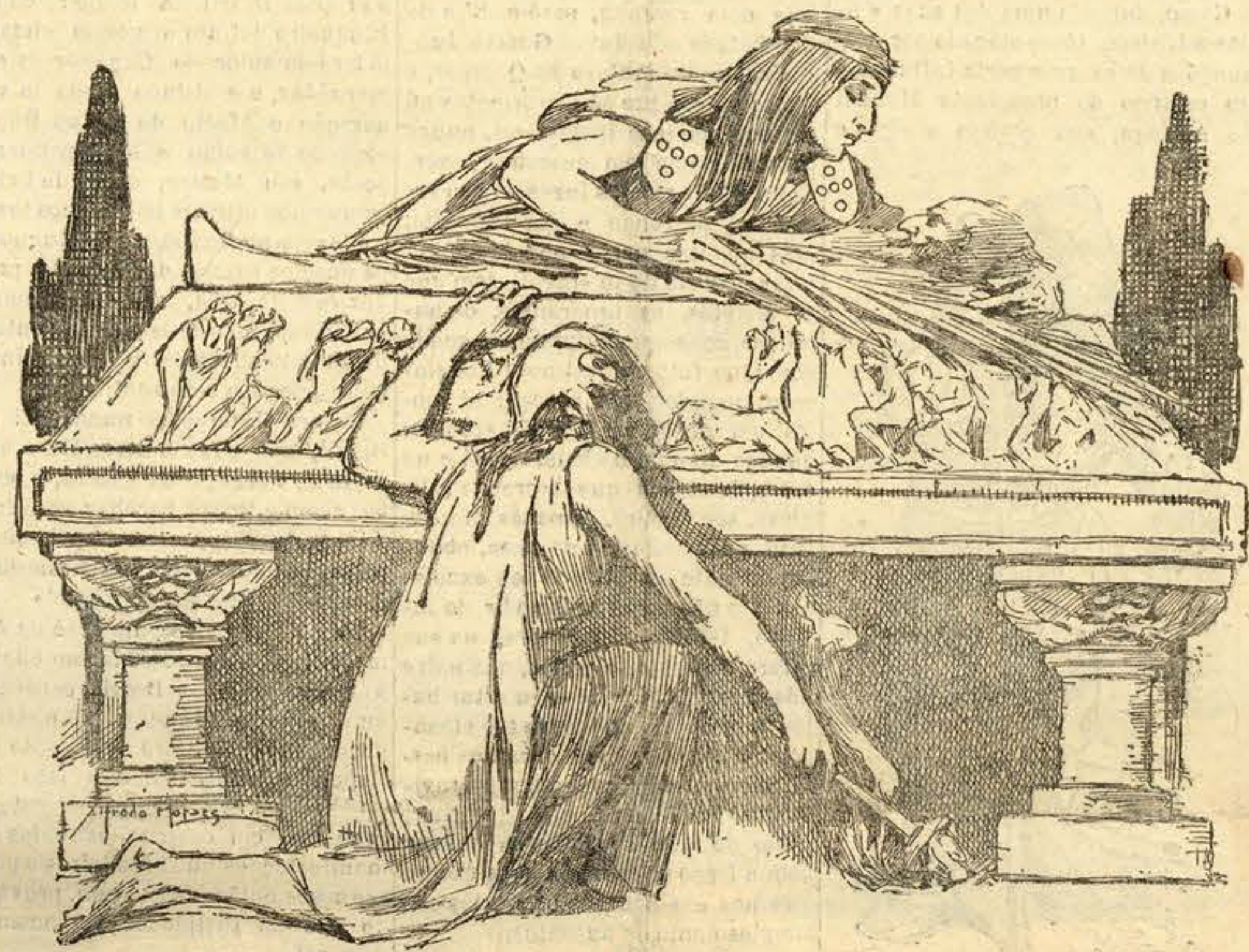
## A MORTE DE GUERRA JUNQUEIRO

# DESAPARECEU A MAIOR FIGURA DE PORTUGAL

## A APOTEOSE

Guerra Junqueiro - Abilio Augusto Guerra Junqueiro - desapareceu do mundo com 73 anos incompletos. Nasceu, com efeito, em 15 de Setembro de 1850, em Freixo de Espada-à-Cinta, uma característica povoação do Trás-os-Montes, a provincia natal, a provincia querida, onde o poeta, conforme o declara na nota dos *Simões*, conduziu o castanheiro morto, que trezentos anos dera a sua sombra aos pegureiros, para que, no clarão festivo das farras, lhe aquecesse os vinhos da sua terra, com a benção e a vida do seu calor.

A necessidade de ligar, para a obra fugitiva do jornal, algumas notas dominantes da existencia de Junqueiro, não nos permite assinalar mais do que os topicos mais flagrantes do seu espirito e os episodios mais conhecidos da sua vida. O que podemos dizer é que ceto o genio poetico fez jorrar, na imaginação vivissima do futuro autor de *A Patria*, a chuva de ouro das suas inspirações. O primeiro dos seus trabalhos, dados á estampa, intitulava-se *Lira dos quatorze anos*. Basta este titulo para revelar a sua precocidade. Essa primeira obra appareceu em 1866, quando o poeta contava 15 anos, e logo no ano seguinte appareciam outras pequenas produções lyricas: *Mystic*, *Nuptias* e *Vozes sem eco*. Foi nos *Vozes sem eco* que Camilo encontrou a meia duzia de quadras de necidas no Bussaco, que julgou plagarias, nos seus mortuos criticas de *Journal de Alger*. Mais tarde, em 1870, Junqueiro escreveu



**Breves palavras!**  
O instante é solene, e, sobretudo - é unico. Tudo quanto durante elle se digir, se pratique, deve ser preciso, nítido, categorico. Uma asa negra, a da morte, acaba de reger a fronte da Patria, arrebatando-lhe o seu egregio cantor; mas já se vislumbra uma asa branca, que lho restitue para sempre, e que é a asa branca da Imortalidade.

Nós todos, a Republica Portuguesa, o país inteiro, encontramos-nos em face de um grande e importante dever.

Esse dever é o de consagrar essa Imortalidade.

Para espiritos como o de Guerra Junqueiro a hora da morte não é a hora do desaparecimento. É, pelo contrario, a hora em que, fulminado o homem, sóo somente o genio, livre das paixões que o agitam e também livre dos ataques que porventura essas paixões lhe acarrretaram.

Esta hora tem de ser a hora da apoteose.

Guerra Junqueiro é para a nossa Patria o que Vitor Hugo foi para a França. Querse dizer, o interprete da Raça, o cantor do Povo, o vale da Nacionalidade.

Como tal temos de o honrar, honrando-nos a nós proprios.

Diz-se que o excepcional poeta desejou para o seu fim as condições da maior humildade. Nesse desejo reflecte-se o seu caracter, singelo, puro, modesto e, todavia, perfeito.

Portugal tudo pode fazer a Guerra Junqueiro, menos fallar ao dever da apoteose que lhe é devida, porque, na realidade, ella é prestada ao genio da Patria.

A França, assim o entendeu também, quando Hugo cerrou os olhos mortaes. O poeta da *Légende des Siècles* escreveu no seu testamento: «Quero ser conduzido ao cemiterio na tumba dos pobres». A França levou-o para o Arco do Triunfo, e dali para o Pantheon.

Nem Hugo nem Junqueiro podiam prever que as suas Patrias tão amadas se deslustrassem não cumprindo o dever de honrar os seus mais altos representantes espirituais.

Tantas vezes temos seguido o exemplo da França! Sigmo-lo também agora, porque é o proprio genio da latindade que neste exemplo se reflecte.

Junqueiro vai entrar na Imortalidade. Con-tucamo-lo a essa imortalidade, que é divina, agitando as palmas das apoteoses humanas.

Os funerais de Junqueiro tem de ser nacionais. A alma da Patria está de luto. Creio firmemente que o sr. presidente da Republica, verdadeiro simbolo da Patria, só não virá, se o seu estado de saúde lhe não consentir, acompanhar o feretro do glorioso poeta. Que o Parlamento lhe vote as suas homenagens! Que as Universidades, que a Academia, a que elle não pertenceu, mas que desfrutava de uma parte do seu genio, por elle, sendo português, se nos últimos tempos o maior poeta do Mundo, oficialmente acompanhem esse feretro, como representantes de toda a intelectualidade portuguesa, através das terras! Que todos os poetas, todos os escritores, todos os artistas, todos que com a pena, o cinzel ou a pincella procuram traduzir os segredos da Belleza e da Verdade, se enfileirem no prestigio saudoso! Que a mocidade das escolas, que a imprensa, que as classes que trabalham e produzem, se associem á apoteose necessaria e imensa! Que todos os que tem lutado pela Patria, pela Libertade, pela Republica, os que creem na imensidade do infinito divino ou creem na supremacia da razão humana, acompanhem o que tantas vezes confortou a sua fé ou illuminou o seu ideal! E que venham os humildes, os obscuros, os Simões, para quem o bardo extraordinario reservou as harmonias mais suaves do seu plethro de ouro! E que o canhão trô, como trocou em Paris nos funerais de Hugo, seu Mestre e seu irmão; que rampeje o aço das espadas erguidas nas mãos dos soldados de Portugal, cada um deles com uma partícula da alma de Nuno Alvares, sonhando a gloria da Patria na reflexão das suas estrofas fulgurantes!

A palavra de ordem tem de ser esta: a apoteose de Junqueiro. E ou nós a fazemos, como ella deve ser feita, ou valeremos bem pouco á face do mundo e da nossa propria consciencia!

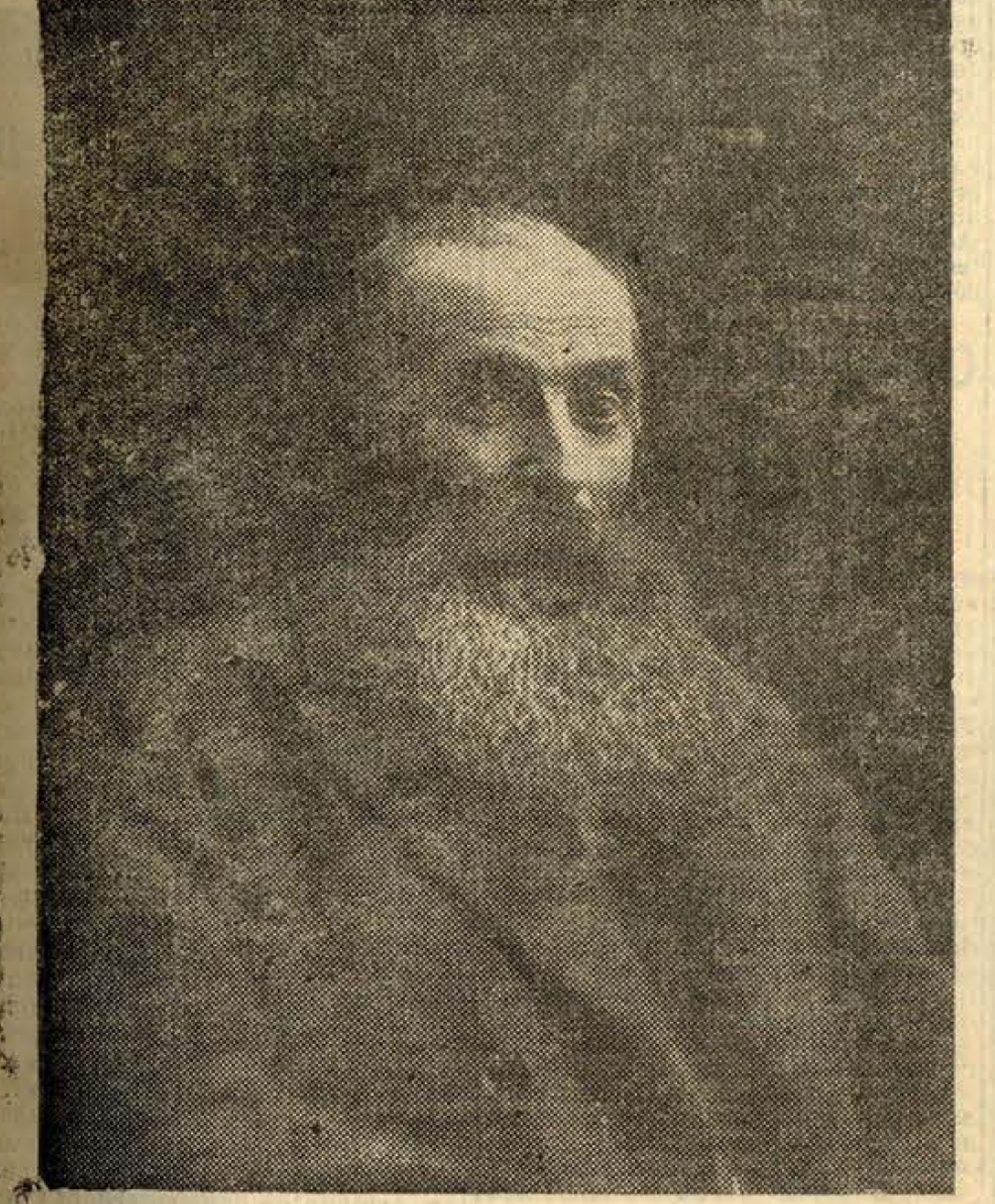
em que protesta contra o propósito de se ressuscitar a ignobil pena de morte, fusilando o assassino do alferes Brito, isto é, correspondendo com um crime colectivo e consciente a um crime individual e inconsciente, e *Os contos para a infancia* em que a prosa desliza, cantante e perfumada, como uma linfa da mais cristalina poesia. Nem as ondas atlânticas o impedem de juntar o seu coração, vibrante como a corda de um violino, as dores que uma longuinha humanidade padece. *A fome no Ceará* é de isso uma prova concludente. Já ninguém pode duvidar que na alma do grande poeta nunca deixará de ressoar o eco sonoro de todas as dores que afligem a patria e a humanidade, os justos e os infelizes, as crianças, as aves, os arbustos e as flores. Já a sua lira entou o doce *Baptismo do amor*, e soubo dar profunda aflição do *Milro*, que mais tarde encontraremos nas paginas da *Velhice do Padre Eterno*, o grito formidavel, penetrante e humano que interroga Deus, ataca os dogmas, e para sempre fica pungido, como um dardo cruel, as gerações compadecidas.

Como varios trabalhos de pequena amplitude precederam a *Morte de D. João*, assim também estas vibrações simpáticas da uma alma profundamente humana precedem a *Musa em férias* e a *Velhice do Padre Eterno*. A *Musa em férias* é a completa expansão da mocidade. Como elle a faz brilhar, sanguineamente e alegre, nas latadas de uma locanda, entre os roseirais de um jardim, ou entre as ladainhas da solidão, onde os arvores lo entoam salmos profeticos. Todavia, o poeta vê já

to o *Promethes libertado*. Part de se ressuscitar a ignobil pena de morte, fusilando o assassino do alferes Brito, isto é, correspondendo com um crime colectivo e consciente a um crime individual e inconsciente, e *Os contos para a infancia* em que a prosa desliza, cantante e perfumada, como uma linfa da mais cristalina poesia. Nem as ondas atlânticas o impedem de juntar o seu coração, vibrante como a corda de um violino, as dores que uma longuinha humanidade padece. *A fome no Ceará* é de isso uma prova concludente. Já ninguém pode duvidar que na alma do grande poeta nunca deixará de ressoar o eco sonoro de todas as dores que afligem a patria e a humanidade, os justos e os infelizes, as crianças, as aves, os arbustos e as flores. Já a sua lira entou o doce *Baptismo do amor*, e soubo dar profunda aflição do *Milro*, que mais tarde encontraremos nas paginas da *Velhice do Padre Eterno*, o grito formidavel, penetrante e humano que interroga Deus, ataca os dogmas, e para sempre fica pungido, como um dardo cruel, as gerações compadecidas.

Porque é que esse livro foi considerado como uma Biblia de impledade absoluta? Simplemente, porque combateu o poderio e a influencia de Roma ultramontana. Era a Roma de Pio IX, a Roma do Syllabus, que Junqueiro visava nesses tempos em que o Vaticano se considerava ainda ligado a lotas de tiranias da terra. A fórmula que durante seculos dominara no mundo: *trono e altar*, ainda não fóra destruída como uma afronta tão grave para a liberdade como para a propria concepção divina. «Na realidade, a *Velhice* - dizia ainda não ha um mês o Mestre a quem escreve estas linhas - não passava de uma explosão de cristianismo exacerbado»

Entretanto - para que negá-lo - a *Velhice do Padre Eterno* era, em grande parte, um livro injusto. So frios dos exgeros a que o genio sa



GUERRA JUNQUEIRO

Cliphé da Fotografia Vasques

...a Camilo o seu engano, pro...  
...desde então os dois grandes es...  
...trilores forjaram os laços de uma...  
...amiga amada.

A seguir ás *Vozes sem eco*, Guerra Junqueiro publicou, em 1870, o seu folheto *A Vitória da França*. Era uma saudação vibrante ao 4 de Setembro, que expungira da grande nação a vergonha do Segundo Império, gerado na infamia do 2 de Dezembro e desfeito em sangue e glomínias na planície de Sédan.

Mas o poeta preparava já a sua grande obra, a que o havia de assinalar como a mais radiosa promessa da poesia do seu tempo. Tinha 22 anos, e elaborava o seu admiravel



UMA FOTOGRAFIA HISTORICA

Em casa de Guerra Junqueiro, no Porto, em 2 de Dezembro de 1906 após um comicio de propaganda republicana. No grupo, além do Poeta, vêem-se o actual chefe do Estado, Bernardino Machado, Alvaro Costa e outros republicanos

desenhar-se o momento em que a sociedade fugirá, desaparecerá, como a barca do cisne, que leva consigo o heroismo e o amor. Não ha luvada,

porque, ai a juventude é como a flor de lotus,

que em cem anos floresce apenas uma vez!

mas a verdade é que o poeta cantou no futuro as desilusões que prevê, e não é no presente que as expressa, visto que essa mocidade ainda lhe corôa a fronte, como aos néos antigos, de louros e de rosas.

O problema palatinso - *Prothissão de té*

A grande obra, porém, a seguir á *Morte de D. João* é a *Velhice do Padre Eterno*. Essa obra estava prevista no plano que formara, e que não chegou a concluir porque deixa, desgracadamente, incompleto

final do poema, ponto luminoso e casto que se alteia no azul, sobranceiro a todas as miserias e a todas as abjecções de um mundo doloroso e imperfeito! É a colovia que solta o seu canto puro, lirico suave, cuja harmonia é irmã gêmea da luz, e por isso mesmo parece ser a propria estrela matutina que a envia á terra, onde tanto, e eternamente, se sofre...

Com a *Morte de D. João*, Guerra Junqueiro é já um conquistador da arte. Quando se pensa que, desde os 14 anos, esta admiravel organização do poeta vai concentrando emoções para as traduzir em ritmos e imagens, insensivelmente somos levados a recordar a frase celebre de Chateaubriand a Vitor Hugo, tão precoce como o nosso grande poeta, e a quem o autor do *Fim do Cristianismo* não duvidara chamar

«enfant sublime». A sublimidade do seu estro autenticou-o Junqueiro a *Morte de D. João*. De um golpe, esse poeta de vinte anos erguia-se acima de todos os vultos da literatura do seu tempo. A *Morte de D. João* é ainda hoje uma obra magistral. Nenhuma estrofa a ultrapassou na sua grandeza, na sua formosura e no seu encanto, e sobretudo na largueza da sua concepção, em que a justiça acenou aos olhos do poeta a lampada das suas austeras investigações em todo o mundo moral.

Da «*Musa em férias*» á «*Velhice do Padre Eterno*» - *Boemia do espirito*

Guerra Junqueiro surge-nos, depois, no Porto e em Lisboa, vivendo num leão de artistas onde a sua

indivisiualidade largamente se destaca. São alguns anos em que se entrega áquilo que o grande Camilo flagrantemente denominou «a boemia do espirito». Junqueiro, como o segitario antigo, crava de frechas lançadas uma sociedade a cuja hipocresia, a cuja mentira e a cuja mediocridade se não submete. É a época em que, de colaboração com Guilherme de Azevedo, elabora a famosa revista *Vingam á roda da Paroquia*, que provocou escandaloso; é a época em que as iniquidades sociais e as calamidades devidas á natureza acordam mais vivamente um eco estrepitante na sua alma; e também a época em que o seu brande temperamento de apostolo, que havia de marcar mais tarde uma feição predominante do seu espirito, suavemente começa a transparecer. Datam dessa época *O Crime*,



se desentranha em genio nas paginas formidaveis de A Patria. Mas o que em Coimbra foi exaltacao do passado, coada através de uma triste lenda invencivel, a de quem contempla a ruina e a morte da nacionalidade...

o vos do ultimatum, e naquelles em que, como disse Basilio Teles, a pata dos Brazagões pizava os gorgonilos da nação. Da-se estado de alma nasceu A Patria. E, depois dos Lusitidos, o maior poema nacional. A descripção d'este Portugal...

Velhice do Padre Eterno fazia parte do grupo dos Venozidos da vida, que eram todos monarquicos. Isso em nada impediu de seguir a evolucao do seu espirito, dedicando-se a causas populares com todo o vigor da sua dedicacao...

Guerra Junqueiro deixa tambem notaveis trabalhos em prosa. Alguns estão juntos aos seus poemas; outros figuram em plaquettes ou no volume em que reuniu varios dos seus discursos e artigos, e que se intitula Prosas dispersas. Um é o interessantissimo prefacio da Morte de D. João...

Mo e no ponto de vista do sentimento religioso que Guerra Junqueiro effectou uma evolucao mais consideravel, embora lenta. Já na nota dos Simples o grande poeta alludia a sua natureza inquieta de religioso e de metafisico. Vimos a sua primitiva profissao de fé na introducao da Velhice do Padre Eterno...

Quando, durante uma das suas vindas a Lisboa, fôsse atacado por pressões de exercer certa influencia no espirito do presidente Manuel de Arriaga, seu grande amigo e admirador, o poeta pediu immediatamente a demissao do seu lugar. Nunca mais exerceu qualquer cargo official.

Ultimamente, Junqueiro absteira de qualquer intervencao na politica do seu pais. Mas não se absteira de nenhum grande acontecimento que interessasse a gloria da Patria. Foi elle, a convite do nosso collega O Seculo, que redigiu a eloquente mensagem aos nossos heróicos avia-dores, manifestando-lhes a fé do povo português no exito final da sua viagem.

Quando o autor de A Patria era deputado progressista quanto rebanho o ultimatum de 1890, que tamanho abalo imprimiu a consciencia nacional. Não foi Guerra Junqueiro o unico deputado monarchico que se tornou republicano. Igual resolucao tomou o seu collega Dr. Eduardo Abreu.

Atacando a vontade de Junqueiro, que expressamente recomendo que o seu enterro fosse religioso, a familia do extinto solicitou a comperecia do pároco da freguesia para a encomendacao do cadaver, segundo o rito catholico. Hoje, ás 17 horas, será o feretro transportado para a basilica da Estrela, onde amanhã ou depois, segundo consta, serão celebradas exequias.

Atacando a vontade de Junqueiro, que expressamente recomendo que o seu enterro fosse religioso, a familia do extinto solicitou a comperecia do pároco da freguesia para a encomendacao do cadaver, segundo o rito catholico. Hoje, ás 17 horas, será o feretro transportado para a basilica da Estrela, onde amanhã ou depois, segundo consta, serão celebradas exequias.

Quando o autor de A Patria era deputado progressista quanto rebanho o ultimatum de 1890, que tamanho abalo imprimiu a consciencia nacional. Não foi Guerra Junqueiro o unico deputado monarchico que se tornou republicano. Igual resolucao tomou o seu collega Dr. Eduardo Abreu.

Atacando a vontade de Junqueiro, que expressamente recomendo que o seu enterro fosse religioso, a familia do extinto solicitou a comperecia do pároco da freguesia para a encomendacao do cadaver, segundo o rito catholico. Hoje, ás 17 horas, será o feretro transportado para a basilica da Estrela, onde amanhã ou depois, segundo consta, serão celebradas exequias.

Atacando a vontade de Junqueiro, que expressamente recomendo que o seu enterro fosse religioso, a familia do extinto solicitou a comperecia do pároco da freguesia para a encomendacao do cadaver, segundo o rito catholico. Hoje, ás 17 horas, será o feretro transportado para a basilica da Estrela, onde amanhã ou depois, segundo consta, serão celebradas exequias.

Quando o autor de A Patria era deputado progressista quanto rebanho o ultimatum de 1890, que tamanho abalo imprimiu a consciencia nacional. Não foi Guerra Junqueiro o unico deputado monarchico que se tornou republicano. Igual resolucao tomou o seu collega Dr. Eduardo Abreu.

Atacando a vontade de Junqueiro, que expressamente recomendo que o seu enterro fosse religioso, a familia do extinto solicitou a comperecia do pároco da freguesia para a encomendacao do cadaver, segundo o rito catholico. Hoje, ás 17 horas, será o feretro transportado para a basilica da Estrela, onde amanhã ou depois, segundo consta, serão celebradas exequias.

Atacando a vontade de Junqueiro, que expressamente recomendo que o seu enterro fosse religioso, a familia do extinto solicitou a comperecia do pároco da freguesia para a encomendacao do cadaver, segundo o rito catholico. Hoje, ás 17 horas, será o feretro transportado para a basilica da Estrela, onde amanhã ou depois, segundo consta, serão celebradas exequias.

JUNQUEIRO e os seus ultimos momentos. Como morreu o grande Poeta de "Patria" e de "Os Simples". Come é do dominio publico, a grande Poeta, a beira de cujo leito de enfermo se realizava esta semana uma junta medica, estava, havia tres dias, irremediavelmente comatado. O profundo enfraquecimento que ha um ano já o obrigava a sua casa do Porto, ao mais absoluto repouso, levou-o a uma exaltacao inquietante a febre com que despidio das formas prescriçoes do sr. dr. Santos Silva, seu medico assistente no Porto, o grande poeta se lançou a tarefa de concluir o seu derradeiro poema — Prometeu Libertado — que infelizmente não conseguiu acabar mas que, incompleto como ficou, nos assegurou constituir uma das mais belas, so não a mais bela, das criações do seu espirito. Exgotado de forças, ferido pela surmenagem, Junqueiro absteu, caindo numa grande prostração a que o seu vivo, quasi frenético ansio de concluir a obra que, afinal, veio a deixar em manuscrito os seus fragmentos, difficilmente deixava resignar-se. O glorioso Poeta, de resto, soffria há anos de uma bronquite insuportavel, esperando algum beneficio de uma mudança de ares, e sobretudo, a fim de evitar ao delicado e combalido organismo do enfermo a dureza de inverno no Porto, o seu frio e sua humidade, o sr. dr. Santos Silva aconselhou insistentemente Junqueiro a vir para Lisboa. O grande Poeta, que tinha um entranhado apego á sua casa do Porto — que diga-se de passagem, é um precioso museu de arte — resistiu ao chamado ás sugestões e conselhos do sr. dr. Santos Silva, por fim, porém, pelido por sua familia, veio, acompanhado da sua esposa e do filho clinico e na viagem a quele destino pessoal. Em Lisboa, instalado na residência do seu genitor sr. Mesquita Carvalho, Junqueiro não deixou, nem um só dia, de manifestar o desejo de regressar ao norte. Entretanto, a sua velha bronquite complicou-se e, ha dias, agravou-se a tal ponto, que, sobrevindo a febre da guerra Junqueiro não pôde resistir, com os seus fuzigadissimos setenta e três annos, ás investidas da enfermidade. Ha três dias, comissionamos, ás esperanças do se ver tinham, virtualmente, desapparecido. O grande Poeta, mirrado pela doença, era já ante-ontem apenas um pequenino corpo, quasi inexistente, que um perfume de vida, evaporar-se, entimava quasi imperceptivelmente.



Junqueiro, o Semeador — Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro

Junqueiro e o Brasil — A saudade de Olavo Bilac

O renome do altissimo poeta era mundial. Ainda ha pouco, no Congresso da Lyon, quando o nosso querido director Urbano Rodrigues invocou o seu nome, após ter sido saudado Gabriel d'Annunzio, como uma gloria latina, que em nada cedia á do autor do Fuoco, a assembleia, unanimemente, prestou a sua homenagem ao grande poeta português. Em França, onde foi varias vezes, na Suíça, onde venceu, o maior brilho, a sua nobre personalidade, Junqueiro era alvo da mais viva admiracao. Em Espanha, as suas obras são conhecidas por tudo quanto ha de mais selecto nos meios intellectuaes. Nas Republicas...

A obra do grande poeta

Guerra Junqueiro deixa a seguinte obra: Poesia — Livro dos quatorze annos, 1896; Misturas Nuptias, 1897; Vozes sem eco, 1897; Vitoria da Franca, 1870; A morte de D. João, 1874; O orinno, 1875; Tragédia infantil, 1877; A Jona no Ceard, 1878; O mar, 1879; A velhice do Padre Eterno, 1885; A lagrima, 1888; A marcha do odio, 1890; Fim Patria, 1891; Os simples, 1892; A Patria, 1896; Oratio no pao, 1892; Oratio á luz, 1904; Prosas dispersas, 1920. Prosa — Viagem á roda da Parvosia, de collaboração com Guilherme de Azevedo; Contos para a infancia, 1881; A festa da Cambés, 1912; Miss Cassil, 1914; O mistro alemão, 1919; Prosas literarias, 1922.

AS TERMAS DE CAPÕES

Numa reunião, ontem realizada versu-se largamente a questao local. Realizou-se ontem uma assembleia magna de telefonistas residentes em Lisboa, na qual se discutiu a questao da Presidia á reuniao do sr. dr. Dinis da Carvalho, que explicou os fins da reuniao, dizendo ter ella só em mira defender os interesses da região. A seguir usou da palavra o sr. Alfredo Foneças, que, após largas considerações sobre o assunto, apresentou uma proposta fazendo votos para que a contenda levantada a proposito das termas se resolvesse amigavelmente entre as partes divergentes, intervin-do, se for preciso, como mediador o Gremio Lafoneças. Esta moção foi aprovada e nomeada uma comissao para promover a saida da questao. Falaram ainda varios oradores sobre o assunto, dando todos o apoio á direccao do Gremio para que a questao seja resolvida a contento das partes em litigio. A reuniao terminou ás onze de uma hora de hoje.

Depois da morte — O corpo na camera ardente

Pelas 13 horas, o cadaver do grande poeta foi retirado do leito onde falecera e durante algumas horas permaneceu, para o escrivão de seu genitor, sr. Dr. Mesquita de Carvalho, transformado em camera ardente, e depositado numa urna de mogno com argolas de prata, acto este a que apenas assistiram, além das pessoas de familia do extinto, o sr. Dr. Henrique Trindade Coelho e alguns jornalistas, tendo-se recolhido ao seu quarto não recebendo nenhum a visita do grande poeta. O cadaver de Junqueiro, depois de um funeral — lá se extinguiu a debilidade e extenuou, evaporada e inalterável se nos mostra a sua fragil complexão — dá-nos a impressão de uma figurinha minúscula do santo. O rosto está sero-nissimo. O poeta dos Simples dir-se-ia que está dormindo. Foi visto simplesmente com um modesto vestio de jaqueta — como Junqueiro vestia habitualmente. Sobre o peito, onde a sua grasilha e revolta barbata accentua desdenhosamente, será colocado, em piedosa obediencia a um desejo do poeta, uma imagem de S. Francisco do Assis. Mas sobre o feretro não serão collocados nem coroa, nem flores. A vontade do glorioso morto será acatada e elle manifestou-se neste sentido. No altar armado na camera ardente oitavas crepitam illuminando um crucifixo e uma imagem do Coração de Jesus.

A corda do ouro e a corda de bronze — "Os Simples" e a "Patria"

Após os agitados dias de 1890 e 1891, Portugal entra de novo num periodo de letargia. Junqueiro regressa ao culto do lirismo puro. Mas agora tem uma nova filosofia, uma crença recalcitrante, como elle explica na nota dos Simples. Escavamos o titulo da sua melhor obra, a mais completa, a mais perfeita, a que, cantando sentimentos eternos, eterna será tambem, enquanto existir a lingua em que se escreveu. Quanto appareceram os Simples alguém disse que elles eram como uma esponja de ouro, que havia de absorver todas as admiracões. Frase justa e exacta. Os Simples são a expressao drammatizada do mais profundo sentimento português. Nunca, nesse genero, se fez nada mais bello, não é natural que se faça já mais. Nem essa maravilha de arte, perante esse manancial de enocao pura e candida, não ha nada que dizer. Contempla-se, como se contemplamos os astros, idealiza-se, como se idealiza o infinito. Trechos como a Molezinha, como o Prestito Funebre, como o In Pulvis, como o Pastor, não soffrem termo de comparação com nenhuma litteraria.

O homem politico — A sua acção republicana — Orador, pamphletario, diplomata

O mortal autor de A Patria era deputado progressista quanto rebanho o ultimatum de 1890, que tamanho abalo imprimiu a consciencia nacional. Não foi Guerra Junqueiro o unico deputado monarchico que se tornou republicano. Igual resolucao tomou o seu collega Dr. Eduardo Abreu. Guerra Junqueiro fez a sua profissao de fé em pleno Parlamento, onde a representava o circulo de Quelimans, pronunciando um importante discurso ácerca dos successos do dia 11 de Fevereiro de 1891, em que haviam sido presos e enviados para um navio de guerra os illustres republicanos drs. Manuel de Arriaga e Jacinto Nunes.

MORTE DE UMA PRESA

Na enfermaria do Hospital de S. Antonio, de Lisboa, morreu, depois de uma longa e dolorosa enfermidade, o sr. Dr. Manoel de Arriaga, o grande amigo e admirador de Guerra Junqueiro. O sr. Dr. Arriaga nasceu em 1828 e falleceu em 1922. Foi um homem de grande talento e de grande coração.

MOORTE DE UMA PRESA

Na enfermaria do Hospital de S. Antonio, de Lisboa, morreu, depois de uma longa e dolorosa enfermidade, o sr. Dr. Manoel de Arriaga, o grande amigo e admirador de Guerra Junqueiro. O sr. Dr. Arriaga nasceu em 1828 e falleceu em 1922. Foi um homem de grande talento e de grande coração.

TRAGICA EXPERIENCIA

Na 1.ª secção da policia de investigação vai proceder-se a diligencias ácerca da morte do guarda 1432, que ante-ontem foi ferido com um tiro de pistola pelo seu collega 910, na Alameda da Cebolreira, declarando este, em sua defesa, que ambos estavam experimentando as suas pistolas.

EDER CALDO VERDE

Revista de sensaçao, com graça, lindas gravuras e desenhos admiraveis. Preço 100 réis.

União Agrícola Limitada

Dois conhecidos e acreditados mercaderes de nossa praça o sr. Alfredo Gonçalves Gomes tomaram na tempo de traspasse o conhecido Restorante Nova Sinta, e, depois de importantes obras que lhe introduziram e de grandes transformações, inaugurarão amanhã os seus grandes armazens de cereas, adubos, fertilizantes, sabões, alfaias agricolas e allimentos para gados, o que constitue um importante melhoramento para os agricul-tores do concelho de Loures. O seu magnifico sortido e o grande estio em que se encontram instalados os seus armazens, tornam em breve ser o centro de importantes negociações. A um o desejamos.



# JUNQUEIRO

A morte de Guerra Junqueiro acaba de produzir em todo o país a mais profunda emoção. O grande poeta não era apenas um príncipe das letras: era um expoente máximo da Raça. Encarnava a Patria na sua alma profética—e na sua voz de semi-Deus. Os seus versos eram ao mesmo tempo hinos e clarões, flautas pastoris e trombetas de guerra. Mas se os seus poemas são eternos como as estatuas, a sua voz, essa não se ouvirá mais, desaparecida na sombra e na morte. Pobre Guerra Junqueiro! É muito cedo ainda para que se possa traçar um juízo crítico sobre o seu nome e sobre a sua obra. Neste momento de lágrimas temos apenas o doloroso dever de nos descobriremos respeitosamente perante o cadáver de um homem que enobreceu a Patria e que nos encheu de orgulho.

Eu conheci Guerra Junqueiro, ha tempo, numa das minhas passagens pelo Porto. Recordo-me ainda da affectuosa simplicidade com que o grande poeta me recebeu, e não saberei esquecer nunca as palavras de simpatia e de benevolencia que lhe ouvi sobre os meus artigos e sobre os meus versos. Venho pagar a minha divida de gratidão desfolhando, piedosamente, sobre o seu cadáver o meu ramo de violetas.

Junqueiro succumbiu aos estragos de uma doença longa e pertinaz, agravada ultimamente. Ha muito que os medicos o tinham proibido de ler, de fumar, de escrever e — Santo Deus! — de pensar. Quasi não saía de casa. Uma vez ou outra, de manhã, nas manhãs claras e frescas do Porto, descia ainda vagarosamente Santa Catarina, triste, cabisbaixo, uma das mãos escondidas nas bandas do casaco, a outra manejando, como um sceptro, um pobre guarda-chuva preto. Depois — nem isso. Uma vaga neurastenia começou a importunar a sua velhice de Tolstoi; a preocupação de que morria inédito obrigava-o a estar, horas e horas, agarrado ao trabalho escrevendo a *Unidade do ser*, que seria — dizia-me ele — a sua revelação; o *sur-menage* surgiu; alimentava-se mal; quasi não dormia; a doença agravou-se — e o grande poeta, por conselho medico, viu-se privado de ler, de escrever, de receber visitas, de conversar. Não recebia ninguém — nem os seus amigos mais intimos. Passava os dias na cama, a meia luz, alimentando-se apenas de golos de leite e de palitos *La reine*. Não queria que se falasse nem na sua obra, nem no seu nome. Perturbava-se. Sentia calafrios. Quando o vi, passou-me pelos olhos a velhice dolorosa de d'Artagnan. Diante daquele homem, especie de genio official da Raça, escondido dentro de um torax franzino de criança, que me recebia, por uma especial deferencia que nunca

esquecerei, nas salas da sua casa, a Santa Catarina, senti, como até então nunca sentira, o clarão ofuscante do genio. Conversámos longo tempo. A principio a sua voz deu-me a impressão de um murmúrio, mas, pouco a pouco, como se um subito esplendor fôsse animando os seus olhos vivos e fulgurantes e a sua eloquencia comunicativa, esse verdadeiro semi-Deus olimpico ia-se transformando; em volta da sua cabeça divina e hirsuta dir-se ia palpitar uma névoa de ouro; os seus gestos rectilíneos, quasi



Junqueiro, segundo o lápis de Francisco Valença

dogmaticos, ganhavam, por vezes, a expressão de uma aguia voando em direcção ao sol. Na doce atmosfera da sua casa, que as suas predilecções de artista tinham transformado num riquissimo museu, Guerra Junqueiro fez-me nessa tarde inolvidavel as suas confidencias politicas e literarias. Emquanto me descrevia factos, homens, pormenores, com uma visão e com uma nitidez admiraveis, interrompendo-se, de vez em quando, para tomar pequeninos golos de agua morna, eu olhava-o, seguia-lhe os movimentos, observava-lhe as atitudes, o olhar inquieto, a fisionomia semita, a barba revolta, que ficaria bem soba murça de um judeu de *Ghetto*. De repente sorriu, olhou-me, deteve-se, num gesto:

—Peço-lhe encarecidamente que não diga nos jornais uma unica palavra do que eu lhe disse.

—Nunca?

—Só depois de eu morrer...

Um fio de sol, coado através das cortinas, vinha afagar ao fundo um pano de Arraz. A tarde descaía numa névoa. Despedi-me num fervoroso cumprimento. Beijei a mão á esposa do poeta. E saí. É muito cedo ainda para revelar, nos seus detalhes, a minha longa conversa com Junqueiro. Isso farei um dia. Neste momento de lágrimas tenho apenas de cumprir o doloroso dever de me descobrir respeitosamente sobre o cadáver dêsse homem a quem devo duas ou três horas das melhores da minha vida.

Luís de Oliveira Guimarães: